

A CRISTOLOGIA DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS O seu caminho Latino-Americano e Caribenho

*Arlindo Pereira Dias**

* Conselheiro Geral
SVD.

Uma instigante tese de doutorado foi apresentada na última quinta feira, 17 de Junho, na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Trata-se do estudo *As Cristologias das Conferências gerais do Episcopado da América-Latina e do Caribe (de Rio de Janeiro a Aparecida)*, do missionário Scalabriniano Paolo Parise. O estudo examina as visões cristológicas que emergem dos textos conclusivos dos documentos finais das Conferências Episcopais da América Latina e Caribe (Rio de Janeiro – 1955, Medellín - 1968, Puebla - 1979, Santo Domingo – 1992 e Aparecida – 2007).

Nascido em uma pequena Vila chamada Valle San Floriano, na Província de Vicenza, Itália, ele estudou teologia no Brasil onde viveu por quinze anos. Após experiência pastoral passou a lecionar Cristologia no ITESP (Instituto Teológico São Paulo e no ITEL-Sé (Instituto de Teologia da Região Sé da Arquidiocese de São Paulo). Em 2008 retornou a Roma para realizar o doutorado.

A exposição apresentou as características Cristológicas surgidas em cada documento e fez uma comparação entre elas, destacando as linhas principais, a sua evolução, continuidade e descontinuidade. Com muita serenidade, na meia hora de que dispunha, Parise apresentou com muita clareza à banca examinadora e aos 60 convidados presentes um interessante panorama dos dados estudados e das reflexões feitas sobre as Conferências. Ele iniciou sua fala recordando que quando chegou ao Brasil estava acontecendo a Conferência de Santo Domingo e ao sair para os estudos, em 2008, a Conferência de Aparecida havia sido recém encerrada.

Segundo o autor, o âmbito Cristológico ainda não foi suficientemente estudado nos documentos. Apontando alguns dados ele disse que a conferência do Rio de Janeiro faz 18 referências à pessoa de Jesus Cristo. Já o documento de Medellín deu mais destaque à metodologia ver-julgar e agir. O documento de Puebla dedica uma seção à Cristologia e outra a Eclesiologia e à Antropologia. Em Santo Domingo a figura de Jesus Cristo é central. No documento de Aparecida o Capítulo IV é o mais Cristológico. Os papas marcaram presença em todas elas, com exceção do Rio de Janeiro, onde Pio XII não podendo estar presente enviou a carta *Ad Ecclesiam Christi*. Na Conferência de Medellín também os teólogos Gustavo Gutierrez e Lucio Gera tiveram participação como peritos.

Parise ofereceu ainda outros detalhes interessantes. A Conferência de Medellín destaca a figura do Pai ao passo que a de Puebla dá mais atenção à figura do Filho. As conferências se concentraram basicamente em dois temas: um enfoque doutrinal em Puebla e Santo Domingo e um outro mais existencial em Aparecida. De Puebla a Aparecida aparece sempre com mais destaque uma Cristologia do rosto de Jesus sofredor. O relacionamento de Jesus com as mulheres também adquire destaque. A perspectiva Trinitária e pneumatológica vai crescendo com o decorrer das Conferências. O autor menciona ainda a ausência de uma leitura Trinitária do mistério pascal e que a pessoa do Espírito Santo ocupa sempre o último lugar nas referências. *Nota-se no desenrolar das Conferências uma progressiva espiritualização do conceito de libertação. Se em Medellín e Puebla se sublinhava a necessidade de libertação dos males concretos (injustiça, opressão, miséria...) ao lado da libertação do pecado, raiz de toda forma de opressão, a partir de Santo Domingo aparece a tendência a esquecer a urgência de libertação dos males históricos*, afirma o autor.

A presidente da banca examinadora foi a espanhola Maria del Carmem Aparício Valls, doutora em teologia pela Universidade Gregoriana e professora na mesma universidade.

O primeiro moderador foi o jesuíta alemão Donath Hercsik que estudou filosofia e teologia em Munique da Baviera, Frankfurt e Paris. Desde 2001 ele é professor de teologia dogmática e fundamental na Pontifícia Universidade Gregoriana e decano da Faculdade de Teologia desde 2008. Hercsik disse se tratar de uma tese *clara, límpida e convincente tanto do ponto de vista formal como material. O estudo deixa antever a crescente consciência do papel soteriológico de Jesus Cristo*,

disse ele. O moderador salientou a criatividade de Parise ao idealizar metáforas que ajudam a uma maior aproximação do texto referindo-se a *Rio de Janeiro como um trabalho de um paleontólogo, Medellín de um arqueólogo, Puebla como uma câmara filmadora, Santo Domingo como uma árvore e Aparecida similar a um quadro de pintura.*

O segundo moderador foi o teólogo espanhol e sacerdote da diocese de Barcelona Salvador Pié-Ninot. Ele participou como especialista na preparação do Sínodo sobre os Leigos, de 1987, do quarto Simpósio luterano-católico em 1988 e da XII Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, sobre *A Palavra de Deus na vida e na missão Igreja*, em 2008. Salvador mencionou a originalidade da apresentação e o *trabalho analítico atento as questões teológicas e moderadamente crítico, trabalho de primeira qualidade. Não é apenas uma tese acumulativa, mas também um trabalho propositivo* acrescentou o professor.

Descoberta progressiva; um Deus que se faz encontrar!

Após a apresentação da tese o Paolo Parise, que em breve retorna ao Brasil nos concedeu a seguinte entrevista onde ele apresenta as linhas gerais de seu estudo bem como a sua percepção da importância do mesmo para a Teologia e para as atividades da Igreja como um todo.

Qual é o conteúdo principal da sua tese?

O título já explica: *As Cristologias das Conferências gerais do Episcopado da América-Latina e do Caribe (de Rio de Janeiro a Aparecida)*. Na realidade o trabalho enfoca não só as cristologias nestes documentos, mas também o diálogo e a interação que existe com as Cristologias da libertação. Após Medellín, em cada documento, existe sempre um influxo do documento na cristologia da libertação e vice e versa.

Que influencia teve o Vaticano II nas Conferências Episcopais?

A grande influência pode ser percebida já em Medellín quando a comparamos com o Rio de Janeiro. Há uma assimilação criativa do continente do que significa o Concílio Vaticano II. Em primeiro lugar é a experiência de um Deus que se faz história, que age na história, um Deus que se torna carne. Um Deus que se faz encontrar, não é mais uma revela-

ção de cima para baixo, mas um Deus que age de baixo para cima. Estas e outras conseqüências prosseguem em Puebla, adquirem uma leve flexão em Santo Domingo e voltam também em Aparecida.

O que você descobriu de novo nesta leitura conjunta dos documentos episcopais?

Eu diria descobertas e constatações. Em primeiro lugar, em nível pessoal, consegui conhecer mais os documentos. Em segundo lugar percebi a evolução que aconteceu ao longo da história desde o Rio de Janeiro até Aparecida. A evolução de alguns conceitos, por exemplo, quando se fala do reino de Deus. Dá para ver como foi utilizado e quantas vezes em cada conferência. Isso se dá em outros níveis quando se fala no Jesus histórico, quando se fala em imitação, seguimento de Cristo e discipulado, quando se fala de cristologia de baixo ou de cima. Em todos estes conceitos pode-se ver a evolução que eles tiveram ao longo desses quase 60 anos. O interessante é que conceitos como imitação de Cristo desaparecem e se afirma o de seguimento e discipulado de Cristo. O Corpo Místico de Cristo é outro exemplo que aparece no Rio de Janeiro, desaparece nas outras conferências e retorna em Aparecida. Porque volta? É uma tentativa de integrar o conceito de Igreja Povo de Deus com aquele de igreja Corpo de Cristo. A minha descoberta foi encontrar uma Cristologia profundamente soteriologica, que tem a ver com a salvação que se inicia neste mundo, chega à plenitude no outro e tem um valor histórico. Eu acrescentaria também uma teologia Trinitária onde há uma pequena e progressiva descoberta do papel do Espírito Santo.

Como se desenvolveu esta Cristologia da primeira até a última Conferência?

Na primeira Conferência encontramos um documento eclesiocêntrico, não há espaço para a Cristologia. A Cristologia começa levemente a aparecer em Medellín e se desenvolve como espaço sempre maior em Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Acontece esta ampliação de espaço. É também uma Cristologia que tem identidade e características próprias. É melhor dizer no plural, porque às vezes aparecem Cristologias que eu diria quase antitéticas, algumas ligadas mais à Cristologia da libertação, outras à questão doutrinal. Elas às vezes chegam a se harmonizar e outras vezes se chocam.

A partir do seu estudo que desafios você vê para o futuro da Igreja na América Latina?

Há uma série de desafios. Em *Aparecida* aparece muito forte o problema do sentido da vida que atinge o ser humano. Ao mesmo tempo não se pode esquecer a questão da justiça, da opção pelos pobres. Os bispos tratam de manter estas duas tensões sem fazer com que uma opção ocupe o lugar da outra. É importante levar avante as questões da justiça e do sentido da vida. A redescoberta do rosto judaico de Jesus na América Latina tem que ser mais incluída. A questão inter-religiosa que a teologia da libertação já enfrentou deveria ser incluída também na teologia dos documentos. É preciso recuperar o peso da tradição patrística que não aparece nos documentos das Conferências. O pluralismo de uma Cristologia ou teologia Afro-Americana, Índio-Americana ou ecológica e da mulher (esses dois já bem desenvolvidos), devem continuar presentes.

O que você leva para o ITESP-ISPES a partir destes estudos?

Hoje em dia em um Instituto de Teologia é fundamental integrar o local e o global. Com certeza este estudo ajudou a aprofundar mais as cristologias do continente e do Caribe dos últimos 60 anos, ou seja, o local da Cristologia que brota do chão latinoamericano. Ao mesmo tempo, continua o desafio de dialogar com os numerosos caminhos cristológicos que estão sendo trilhados em outras realidades.

Outro desafio é interligar passado, presente e futuro. Esta pesquisa me ajudou a conhecer as reflexões cristológicas dos documentos das Conferências e das teologias da libertação do passado e do presente. Isso permite estar aberto ao futuro, sem perder o que foi adquirido ao longo da história. Acredito, assim, estar contribuindo para um diálogo Cristológico em nível local e global e, ao mesmo tempo interligar o ontem, o hoje e o amanhã.

